

A difícil luta para sobreviver

Garotinho e Ciro Gomes intensificam os esforços para mostrar que suas candidaturas ao Planalto se mantêm de pé

Fernando Bizerra Jr. - BG Press/AJB

ALEXANDRE BOTÃO

BRASÍLIA – Encerrada a discussão sobre coligações partidárias, dois candidatos à sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso iniciam a semana tentando não só intensificar os contatos políticos, mas também mostrar que suas candidaturas se mantêm vivas. Anthony Garotinho (PSB) e Ciro Gomes (PPS) aceleram a agenda em direções distintas para fugir do cenário que mais temem: uma possível polarização da eleição entre o candidato tucano José Serra e o petista Luiz Inácio Lula da Silva, líder nas pesquisas.

Ciro e Garotinho querem evitar que a sucessão se transforme no “jogo do resta um”. Só nos últimos dois meses, dois candidatos espierraram da disputa ao Palácio do Planalto. Itamar Franco (PMDB), governador de Minas Gerais, e Roseana Sarney (PFL), ex-governadora do Maranhão, estão fora do páreo.

Viagens – Garotinho vai hoje ao Rio Grande do Sul reunir-se com empresários. Na quarta-feira, embarca para São Paulo. Enquanto isso, a Frente Trabalhista de Ciro (PPS, PTB e PDT) trata de apagar incêndios regionais. A briga em torno da candidatura da frente ao governo do Rio Grande do Sul – que irritou o presidente do PDT, Leonel Brizola, e levou ao cancelamento da pré-convenção marcada para a última quinta-feira – acendeu a luz vermelha no comitê do candidato.

A decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), de manter as coligações nacionais amarradas às alianças regionais, foi recebida com críticas por Garotinho. O partido confirmou no dia



Ciro Gomes e Roberto Freire: unidos no esforço para superar os problemas regionais que ameaçam a Frente Trabalhista

seguinte, de forma enfática, a candidatura do ex-governador fluminense, mas sabe que ele não pode se dar ao luxo de cair nas pesquisas de intenção de voto. “O governo escolheu um candidato para ganhar e outro para perder. E quer deixar a eleição restrita a dois nomes”, criticou Garotinho. “Por isso, quer que o eleitor acredite que a minha candidatura foi prejudicada”.

No caso de Ciro Gomes, o drama é outro. A decisão do STF não chegou a ser um problema, mas Ciro começa a ter de aparar as arestas de uma aliança com partidos muito diferen-

tes. Na semana passada, a pré-convenção da Frente Trabalhista, que oficializaria o lançamento do candidato, acabou não acontecendo por dois problemas. Primeiro, Brizola bateu o pé contra o nome de Antônio Britto (PPS) no Rio Grande do Sul. Depois, veio a polêmica sobre o apoio do PFL dividiu as opiniões.

Arestas – O problema no Estado acabou resolvido com a desistência de Britto. A decisão do STF sepultou o problema do PFL. Mas não se fala mais em pré-convenção. “Não será mais realizada”, disse o presidente do PPS, senador Roberto Freire (PE).

Ciro, agora, vai tratar pessoalmente dos ajustes em cada Estado. A frente organiza hoje, em Pernambuco, um encontro regional entre os três partidos para acertar as diferenças. “Estamos tentando nos unir para eleger um candidato. Eu, por exemplo, estou tendo que agüentar agressões que normalmente não agüentaria”, desabafou Freire. “Mas vou cobrar de Ciro que os outros partidos tenham respeito também. O PPS vem dando o exemplo.”

Freire reconhece que a frente tem dificuldades. Mas garante que, se depender do seu partido, as diferenças não afetarão

a candidatura de Ciro. “Está claro que há uma mobilização para deixarem apenas dois candidatos no final. Isso é de interesse do governo e é de interesse de Lula”, criticou.

Também ligado à Frente Trabalhista, o senador Carlos Wilson (PTB-PE) isenta Lula de culpa numa eventual polarização da eleição. Mas acha que os outros dois candidatos – Garotinho e Ciro – precisam manter-se na disputa para equilibrar “o processo democrático”. “Aquele cenário só interessa a Serra, e ele é o nosso adversário. Somos três candidatos de oposição contra apenas um governista”.

Itamar contra ‘continuismo’

O governador Itamar Franco abriu fogo ontem, em Ouro Preto, contra a candidatura do tucano José Serra, identificando-a com o continuismo. Nas comemorações do 213º aniversário da Inconfidência Mineira, Itamar afirmou que, para Minas Gerais e para o Brasil, é importante que o próximo presidente tenha “sentimento de pátria” e não represente o “continuismo de ações que não interessam ao Brasil”.

Itamar quer que o PMDB não apoie nenhum candidato à presidência, ficando livre para fechar as alianças estaduais mais convenientes. Assim, em Minas, poderia tentar o apoio do PT e do PL para sua reeleição.

A tese de afastamento da candidatura Serra sempre foi defendida por setores do partido favoráveis à candidatura própria, como é o caso dos grupos liderados pelo senador Pedro Simon (RS) e o ex-governador Orestes Quércia (SP). Mas a posição pode ganhar novos adeptos com a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que confirmou a subordinação das alianças estaduais à coligação nacional dos partidos.

No PMDB, há interessados em coligações brancas nos Estados, que antes eram alinhados com a cúpula do partido e defendiam o apoio a Serra. É o caso do deputado Sérgio Cabral, no Rio, do ex-senador Jader Barbalho (PA) e dos senadores Renan Calheiros (AL) e José Sarney (AP).